

## ENFRENTANDO AS *FAKE NEWS*: MEMES COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA CHECAGEM DE FATOS

Joseeldo Pereira da Silva Júnior<sup>1</sup>  
Francisco Vieira da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo intenta investigar a utilização de meme como prática de educação cuja finalidade seja a verificação de notícias falsas – as famigeradas *fake news*. Trata-se de enxergar na imagem memética um instrumento de saber-poder que propicia aos internautas o policiamento de si mesmo em relação a divulgação de conteúdo falso. O meme, enquanto prática discursiva, é vista por nós como elemento que aproxima o debate político da camada popular, uma vez que traz à tona, embora pelo humor, temas complexos, muitas vezes restritas a um determinado grupo social. Neste artigo, buscamos analisar o tratamento pedagógico propiciado pelos memes à checagem de fatos, técnica que insurge com o intuito de mitigar a mentira e trazer a verdade dos acontecimentos. A pedagogização dos memes, nesse sentido, implica duvidar do teor de uma *fake news*, que engloba imagens, áudios, notícias, boatos, todos fora da realidade dos fatos. Dito isso, nosso estudo foi desenvolvido sob os pressupostos da Análise do Discurso Foucaultiana, que tem como arcabouço teórico-metodológico as categorias fundadas na arqueogenealogia, oriunda das ideias do filósofo francês Michel Foucault. No mais, vale destacar que esta pesquisa se caracteriza por ser qualitativa, uma vez que utilizamos da interpretação social dos fatos no *corpus* elegido para análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso. Fake News. Memes.

**ABSTRACT:** This article attempts to investigate the use of meme as practice of false news check education - the infamous fake news. It is a question of seeing in the memetic image an instrument of know-power that gives young people, above all, the policing of themselves in relation to the dissemination of false content. The meme, as a discursive practice, is seen by us as an element that brings the political debate closer to the popular layer, since it brings to the surface, although through humor, complex themes, often restricted to a certain social group. In this article, we seek to analyze the pedagogical treatment provided by memes to check facts, a technique that insists in order to mitigate the lie and bring the truth of events. The pedagogization of memes, in this sense, implies doubting the content of a fake news, which encompasses images, audios, news, rumors, all out of the reality of the facts. Having said that, our study was developed under the assumptions of the Foucaultian Discourse Analysis, which has as theoretical and methodological framework the categories founded on archeogenealogy, coming from the ideas of the French philosopher Michel Foucault. Moreover, it is worth

---

<sup>1</sup> Mestrando em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Graduado em Licenciatura Plena em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba. Endereço eletrônico: joseeldojr@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Endereço eletrônico: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

mentioning that this research is characterized by being qualitative, since we use the social interpretation of the facts in the corpus chosen for analysis.

**KEYWORDS:** Discourse analysis. Fake News. Memes.

## Introdução

Como identificar uma mentira? Que elementos trazem à tona aquilo que não é verdade? As respostas para tais inquietações poderiam vir – talvez – do saber da psicologia, sendo este um campo que estuda os comportamentos humanos e que, por sorte, poderia nos explicar o motivo por que produzimos mentiras. No entanto, e se a omissão da verdade tiver como origem os ambientes virtuais na forma de uma diversidade de materialidades – como um *tweet*, uma imagem, um áudio – substanciados por elemento de saber-poder que instrui práticas que contorcem a realidade e produzem falsidades? As *fake news*, como são chamadas na contemporaneidade, são as mentiras deste século que ultrapassam os limites da informação verdadeira e da fidelidade aos fatos e provocam estardalhaços capazes de estremecer a vida política e social, causando conflitos que marcam a História. A mentira do presente, a inverdade da atualidade deixam sinais onde se fazem presente: forja resultados eleitorais, destrói condutas, cria intrigas.

Se a Psicologia poderia explicar o comportamento da mentira ou da falta de ética que a provoca, agora, neste momento de *verdades interessadas* (FERNANDES JR; DRUMMOND, 2018), seu saber se neutraliza diante da tecnologia. É preciso ferramentas, instrumentos, algoritmos. Não basta explicar, precisa-se, sobretudo, conter. Por essa razão eis os checadores de fato, que, embora limitados quanto ao seu alcance orgânico, é uma peça de xadrez indispensável para desfazer a verdade criada – ou interdita-la, para usar um conceito foucaultiano. *Fato ou Fake, Aos Fatos, E-farsas, Estadão Verifica*<sup>3</sup> e tantos outros mecanismos de saber-poder que surgem como uma *vontade de verdade* (FOUCAULT, 2014), tão requisitados na conjuntura em tudo que se ver ou ler parece ser duvidoso. Isso, aliás, faz-nos levantar outra questão: estaríamos nós passando por um período histórico da dúvida? Os olhos da história, mais a frente, nos dirá. Por agora, resta-nos apenas duvidar, se necessário, e checar, como uma prática educativa.

---

<sup>3</sup> Endereços dos sites de verificação de informações: *Fato ou Fake* (<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>); *Aos Fatos* (<https://aosfatos.org/>); *E-Farsas* (<http://www.e-farsas.com/>); e *Estadão Verifica* (<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/>). Acesso em 21 de junho de 2019.

Os checadores de fato, tomados aqui como uma prática educativa, tornam-se eficazes, num primeiro momento, como uma técnica de saber-poder que ensinam aos sujeitos maneiras de lidar com as notícias falsas. As técnicas fabricadas pelos checadores de fato, conforme aponta Ferrari (2018), estabelecem métodos cuja finalidade é mitigar a mentira e trazer luz com a verdade para aquilo que se duvida ou parece fugir da realidade dos fatos.

Busca-se, na checagem, elementos que possam contribuir para lidar com a prática da mentira virtual. Os memes, nessa conjuntura, têm sido uma aposta que visa a somar no combate às *fake news*, os quais são tomados como técnicas de uma prática pedagógica, ao encará-los como um meio com vistas na educação digital. É sobre memes enquanto saber pedagógico que trataremos no espaço deste artigo. Enunciados efetivamente produzidos, esses memes, especificamente do projeto *Fake ou News*, da agência de checagem *A Lupa*, constituem o *corpus* deste estudo. Trata-se de analisar os memes pedagógicos como técnicas de saber-poder ao estabelecê-los como elemento de enfrentamento às *fake news*.

Metodologicamente falando, este artigo é de viés qualitativo, uma vez que trabalhamos sob a perspectiva da interpretação e da descrição dos fatos sociais. Aqui, os enunciados são interpretados e descritos num só batimento, simultaneamente (PÊCHEUX, 2012). Nosso estudo apoia-se no “método arqueogenealógico” de Michel Foucault, que rege a Análise do Discurso Foucaultiana, na qual se inscreve este artigo. O *corpus* deste trabalho, por sua vez, é constituído por seis memes extraídos do projeto *Fake ou News*, da Agência Lupa, que enfatiza, de forma didática, a abordagem a respeito da checagem de informações. A escolha por esses memes deu-se em virtude dos seguintes critérios: i) deveriam, de algum modo, sinalizar para a necessidade de orientar o sujeito internauta sobre a existência de notícias falsas; ii) terem sido publicados no ano de 2018, num período em que a irrupção das *fake news* esteve em evidência, a partir do cenário das eleições. As noções de saber e poder, conforme postuladas pelas teorizações foucaultianas, são fundamentais para pensarmos em como as estratégias discursivas empregadas nos memes produzidos pelas agências de checagem ancoram-se em efeitos do saber e em relações de poder para orientar o comportamento do sujeito internauta frente às notícias falsas.

Quanto à estrutura do artigo, na primeira seção será discutida a relevância do meme na conjuntura social e política enquanto prática discursiva. Observamos que, mesmo sendo uma materialidade que traz elementos do humor, o meme suscita discussões acerca de assuntos complexos e/ou polêmicos. Ele aproxima para o leitor mais leigo de temas que estão na política, por exemplo, mas também trata de assuntos muitas vezes distante da realidade do cidadão

comum. Tem sido usado, inclusive, em notícias, como forma de mostrar um panorama da realidade. No tópico seguinte, elaboramos um breve debate sobre a teoria do saber e sua relação com o poder, elaborada pelo filósofo francês Michel Foucault e trazemos o meme como técnica de saber ao inseri-lo como prática educativa na checagem de fatos. Mais adiante, prosseguimos com a análise do *corpus*, pontuando as características e traços dos memes trabalhados. Por fim, pontuamos as conclusões ao pensar o meme e o educação como mecanismo de saber capaz de enfrentar as *fake news*.

### **Uma prática discursiva do riso**

No cotidiano virtual, as materialidades essencialmente humorísticas, popularmente chamadas de memes, estão presentes em nossas mídias sociais, nas notícias, e até mesmo nas telas de TV. Se o fato é polêmico, as chances de se tornar piada beira a certeza, afinal o propósito do meme é fazer a graça, seja ridicularizando, seja ironizando. De uma maneira ou outra, tal prática discursiva geralmente restringe-se ao riso. O meme, portanto, conforme pontua Chagas (2018, p. 02), serve como uma prática para compreender o “processo político contemporâneo” de uma sociedade, assim como também se situar enquanto um “produto da popularização do debate público” (CHAGAS, 2018, p. 02). Ou seja, se determinado acontecimento eclode no cerne político, pelo meme apreende-se o contexto, uma vez que ele torna assunto popular, faz ganhar outras esferas das camadas sociais.

Dada a sua constituição imagética, essa prática discursiva aproxima o leitor de temas mais delicados ou complexos. A piada formatada em imagem ganha um *layout* didático, e, com sua veia humorística, passa a ser, também, pauta dos assuntos cotidianos. É por essa razão que o meme pode ser relacionado aos vários campos de saber, haja vista o leque de discursos que ele é capaz de assumir – ou produzir. Mais precisamente no campo político, para citar um exemplo, a fala da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, ao dizer que “menino veste azul, menina veste rosa”<sup>4</sup>, ganhou contornos humorísticos ao se reproduzir como piada através dos memes. A fala da ministra circulou nas redes sociais em tom próximo ao ridículo, quando caracterizado por tal formato discursivo.

Essa demarcação sobre um tema particular faz com que os memes contribuam “para, de um lado, simplificar e tornar rasas as percepções sobre a realidade, e de outro, ampliar o debate a camadas que habitualmente se mantinham apartadas da política”, segundo aponta Chagas

---

<sup>4</sup> O Globo noticia a fala da ministra sobre menino vestir azul e menina vestir rosa que reverberou na mídia: <https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>. Acesso em 06 de maio de 2019.

(2018, p. 07). Se antes as discussões em torno do gênero cultural mantinham-se afastadas da massa popular, agora, através da cultura digital, o debate chamou para mais próximo o cidadão comum, devido a propagação que as imagens humorísticas tomaram. O meme, nesse sentido, pode ser visto como um fenômeno digital e sociopolítico.

Tem sido cada vez mais recorrente a utilização de memes em fatos jornalísticos como forma de criar um panorama sobre determinado assunto em discussão. Tratam o meme como um acontecimento midiático, ao buscar nele elementos que discursivizem a realidade dos fatos do cotidiano. Para citar outro exemplo, a Folha de São Paulo, ao discutir<sup>5</sup> o rompimento do presidente Jair Bolsonaro com o seu partido, o Partido Social Liberal (PSL), trouxe memes para compor a matéria jornalística, transformando o assunto complexo mais didático e, ao mesmo tempo, cômico. Esse movimento faz com que haja maior envolvimento do cidadão com o desconhecido, além de tornar o tema mais atrativo, ao “minimizar” o teor meramente informativo, atribuindo-lhe um caráter menos formal.

Em termos foucaultianos, o meme é um enunciado que se ramifica em diferentes espaços virtuais, dado que produz *acúmulo*, (re)aparece, pode ser (re)atualizado, possui margens povoadas por outros enunciados (FOUCAULT, 2010), é uma prática discursiva que se constitui como um nó em uma rede. Esse mecanismo entra, dessa forma, para o que Foucault chama de campo associado, ou seja, “faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado e que lhes permite ter um contexto determinado” (FOUCAULT, 2010, p. 111), pressupondo um jogo de atualizações. Para Foucault,

não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. (FOUCAULT, 2010, p. 112).

Sendo assim, o meme encontra-se em correlação com outros enunciados, podendo ele evocar uma memória discursiva de acordo com a sua materialidade produzida. Retornemos ao exemplo “menino veste azul, menina veste rosa” trazendo, dessa vez, na figura 01, o meme que se criou a partir do enunciado dito pela ministra.

---

<sup>5</sup> Matéria da Folha de São Paulo produzida com memes para ilustrar o acirramento da separação do presidente de Jair Bolsonaro com seu partido, o PSL: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2019/10/17/briga-homerica-no-psl-torna-as-redes-um-barril-de-polvora-com-farpas-e-memes/>. Acesso em 26 de novembro de 2019.

**Figura 01:** Meme “menino veste azul, menina veste rosa”



Fonte: Twitter.com, 2019.

Na imagem, profissionais da saúde, vestidos de azul – cor atribuída ao sexo masculino, por definição sociocultural, e característico do ambiente cirúrgico –, participam da cena de um parto. Um dos integrantes da cena imagética pergunta se se trata de um menino ou menina. O senhor, que segura o bebê, em tom de ironia, uma vez que a figura representa um meme em resposta ao discurso da ministra Damares Alves, responde não saber, pois o recém-nascido está sem vestimentas, o que dificulta a definição do gênero. Toda a cena enunciativa, além de denotar uma crítica pelo humor próprio do universo memético, constitui um campo associado, ao trazer um conjunto de memórias que retomam outros enunciados – a vestimenta do médico, das enfermeiras e o ambiente, todos os elementos caracterizados pela cor azul. Isso ocorre uma vez que “não há enunciado que não suponha outros”, conforme nos explica Foucault (2010, p. 112).

Dito isso, vale destacar que um meme entra para a História, ao carregar em si a *espuma* (FOUCAULT, 2000) dos acontecimentos discursivos. Ou seja, dentro de uma série histórica, o meme é apenas um fragmento do acontecimento que reverberou na mídia digital, como o fato da ministra Damares Alves. Sua fala “menino veste azul, menina veste rosa” foi o acontecimento que irrompeu na mídia, porém repercutiu em forma de diferentes materialidades, como no caso dos memes, que didatizou o tema, ao trazer o fato político para a discussão

popular. O debate sobre os papéis de gênero, portanto, não ficou isolado, neutralizado; ao contrário, ganhou outros espaços, reverberando entre vários setores sociais.

### **O meme como técnica de saber-poder**

Em sua aula inaugural no Collège de France, Foucault (2014) apresenta o discurso como um campo minado, uma vez que nem tudo pode ser dito em qualquer circunstância ou lugar, que há interdições, efeitos de raridades, demonstrando, dessa forma, que a natureza do discurso é movediça, sutil e articulosa. O discurso político, por exemplo, é a região “onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam” (FOUCAULT, 2014, p. 09), exatamente por haver mais interdições, obstáculos e exclusões. Foucault (2014, p. 10) acrescenta, ainda, que o discurso é aquilo “pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar”. Em outras palavras, discurso é poder.

Pensando o meme enquanto prática discursiva, podemos interpretá-lo como um mecanismo de poder – que implica necessariamente em saber, haja vista que saber e poder estão entrelaçados, conforme preconiza Foucault (2006, p. 58), ao esclarecer que as relações de saber e poder “estão profundamente ligadas”, evidenciando uma correlação de campos: o poder se relaciona com o saber, de igual modo em que o saber se ancora no poder. Isso implica em processos e lutas que constituem, por exemplo, o sujeito, uma vez que é atravessado por esse binômio saber-poder, determinando, assim, “as formas e os campos possíveis de conhecimento” (FOUCAULT, 1987, p. 31).

A engrenagem do poder funciona como um mecanismo de controle, vigilância, disciplina, que, de certa forma, justifica-se pelo saber que é produzido na sociedade. Na introdução de *Microfísica do Poder*, Machado (1979) explica que Foucault não pretendia fundar uma teoria geral do poder, mas, em suas análises, o filósofo francês buscou encontrar especificidades em suas características gerais. De acordo com Machado (1979, p. 10), “não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação”. Logo, o poder é tomado como uma prática social que, como tal, é construída historicamente. Mais que isso, é preciso esclarecer que o poder não está situado num ponto específico do corpo social; ele “não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona” (MACHADO, 1979, p. 14). O poder está, portanto, disseminado por toda a malha da sociedade.

Se tomamos um meme como instrumento educativo, fazemo-nos pela relação de poder que perpassa o corpo social, que, por sua vez, direciona-o como técnica de saber-poder, ao fazer uso dele como ferramenta de interdição de uma *fake news*, por exemplo. Nesse sentido, a

imagem memética é uma produtora de saber e também um mecanismo de poder, uma vez que uma coisa e outra estão associadas, conforme já evidenciado. Acreditamos que, quando se toma um instrumento midiático como um meme para enfrentar os discursos de Estado, por exemplo, há aí um exercício de poder, que se ancora por saberes variados.

Os jogos de poder que podem vir a se materializar por práticas discursivas permitem mobilizar modos de resistência. Isso porque, segundo Machado (1979, p. 14), “qualquer luta é resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda a sociedade”, possibilitando, dessa forma, relações de força. Na esteira desse entendimento, poder-se-ia dizer que o meme serve como elemento de resistência, uma vez que o riso ou ironia, que o constitui, se acumulado, reverberado, repercutido, propicia uma relação de força com a contradição. Trazemos, novamente, a fala da ministra Damares sobre a questão de gênero.

As reações adversas ao discurso do Governo (na figura da ministra) por meio dessa técnica de saber-poder, que é o meme, revela que não é aceitável, na conjuntura contemporânea, que menino vista apenas azul ou que menina vista apenas rosa; pode vestir o que bem entender, caso assim opte. Assim, a difusão de memes satirizando e ridicularizando a fala da ministra demonstra, portanto, que existe uma mudança social a respeito da cultura de gênero, haja vista a não passividade e oposição pelos memes ao discurso conservador ora produzido. É exercido, nesse contexto, relações de poder que confronta o discurso conservador, fazendo mostrar discursos de resistência.

### **Checagem de fato: estratégia contra a desinformação**

A iniciativa das agências de checagem, ou *fact-checking*, surge como um paralelo na mídia digital frente as *fake news*. Sua aparição inicial compete à área do jornalismo, no começo do século XXI, conforme mostra Neisser (2015), pontuando a criação da FactCheck.org, em 2003, nos Estados Unidos. Somente em 2008, cinco anos depois, que o movimento de checagem de fato ganhou mais expressividade, durante as eleições que levaram Barack Obama à presidência. Nesse sentido, as agências de checagem tiveram seus primeiros alicerces tendo como foco as campanhas eleitorais (NEISSER, 2015).

No Brasil, as agências Lupa, Aos Fatos e Truco destacam-se pelo pioneirismo no segmento e também por serem signatárias do *International Fact-Checking* (IFCN), do Instituto Poynter, ou Verificação de Fatos Internacional, em tradução livre (FERRARI, 2018; PEIXOTO; SOUZA, 2018; SPINELLI; SANTOS, 2018), instituição que aglomera e atesta a checagem de informações em nível internacional, de forma que “as agências sigam os códigos

e princípios de ética acordados pelo conjunto de checadores” (FERRARI, 2018, p. 112). Essas agências possuem critérios específicos e rígidos que instituem a metodologia de verificação, como as etiquetas, no caso da Lupa, podendo uma checagem ser “Verdadeira”, “Verdadeiro, mas”, “Ainda é cedo para dizer”, “Exagerado”, “Contraditório”, “Subestimado”, “Insustentável”, “Falso” e “De olho”.

A categorização da verificação permite passar ao leitor precisão da informação que se pretende mostrar outra verdade. Ela, de imediato, produz um juízo acerca do fato checado. Independentemente disso, diante das *fake news*, essa ferramenta de checagem consiste, de acordo com Peixoto e Souza (2018, p. 10), na “investigação profunda das informações que confirmem os fatos”, sendo “a salvaguarda contra as notícias falsas”.

Vale frisar que a campanha eleitoral dos Estados Unidos e o processo do Brexit, na Inglaterra, em 2016, e no Brasil, em 2018, além de terem impulsionado as *fake news*, também propiciaram maior ampliação das plataformas de verificação. A preocupação em checar informações deu-se em muitas esferas, desde os *sites* de redes sociais, como o *Facebook*, que criou regras mais contundentes para a veiculação de anúncios cuja finalidade é coibir a divulgação de *fake news*, até mesmo grandes empresas da mídia tradicional, no caso da Globo, que começou a produzir seu próprio conteúdo de checagem, o “Fato ou Fake”<sup>6</sup>. A recorrência a instrumentos que confirmam os fatos não se limita apenas a rede privada. Instituições, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro, por exemplo, criou um canal<sup>7</sup> para receber denúncias de *fake news* sobre a própria universidade. Partidos políticos também cederam ao instrumento. É o caso do Partido dos Trabalhadores (PT), que criou a “Central AntiFakenews”<sup>8</sup>, com o propósito de combater as mentiras virtuais referentes ao partido e membros dele.

Na prática da checagem de fatos, há manuais que indicam como se comportar frente às notícias falsas, mais precisamente. Por ser um problema que abrange vários campos virtuais, as *fake news* merecem atenção de muitas maneiras possíveis. Como evidencia Santaella (2018):

Existem sites especializados em auxiliar nos processos educativos contra as NFs [notícias falsas]. Neles pode-se encontrar uma lista de conselhos úteis, tais como: (a) olhar com atenção e atentar para a confiabilidade das fontes; (b) ir além das chamadas e reconhecer sinais de sensacionalismo; (c) procurar por outras fontes; (d) verificar os fatos, sua data de publicação; (e) conferir se o conteúdo afeta seus preconceitos; (f) reconhecer quando se trata de brincadeira e conferir se vem de uma fonte piadista. (SANTAELLA, 2018, p. 40)<sup>9</sup>.

<sup>6</sup> Endereço do site: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake>>.

<sup>7</sup> Endereço do site: <<https://ufrj.br/formularios/fakenews>>.

<sup>8</sup> Endereço: <<https://pt.org.br/tag/anti-fake-news>>. Acesso em 30 de novembro de 2019.

<sup>9</sup> Vale destacar que a autora citada se situa no campo investigativo da Semiótica, mas as contribuições de Santaella (2018) sobre o conceito de pós-verdade e os processos educativos que margeiam a checagem dos fatos mostraram-se relevante para iluminar nosso olhar analítico num fenômeno que, por ser tão atual, carece de mais de múltiplos olhares para ser compreendido.

São estratégias de verificação como essas apontadas acima que os usuários podem constatar a veracidade da informação. É preciso estar atento, no entanto, que as *fake news* circulam em muitos enunciados possíveis. Por essa razão, não basta apenas identificar as notícias falsas, por meio dessas orientações, mas também estar atento para outros enunciados que ganham a Internet. Outras estratégias de combate, como é o caso dos memes educacionais, visam contribuir para a checagem. O projeto “Fake ou News”, de iniciativa da Lupa Educação e Canal Futura, propuseram este projeto com o objetivo de ensinar aos jovens a checar as informações e enfrentar as *fake news*. A proposta está alicerçada a partir dos fundamentos: “*Por que checar antes de publicar ou compartilhar uma informação?*”, “*Será que essa informação está dentro do contexto?*” e “*Nem tudo que se vê (e se ouve) é real. E agora?*”. Trata-se, em suma, de uma iniciativa que busca na educação ferramenta para lidar com a desinformação.

### **Pedagogia do meme: educação versus *fake news***

Uma proposta pedagógica implica em estabelecer uma rede de saberes que tenha como propósito facilitar o ensino/aprendizagem de um determinado indivíduo. Como ensina Libâneo (1990, p. 24), a pedagogia se constitui como um campo em que se aborda “meios apropriados para a formação dos indivíduos”. Cabe a ela, enquanto mediadora de práticas educativas, assegurar e orientar “os conhecimentos e experiências acumulados pela prática social da humanidade”. Assim, quando se discute uma prática pedagógica implica dizer que ela contextualiza o ensino, facilitando o contato com o objeto estudado. Dessa forma, ao utilizar o meme como mecanismo de saber, cria-se um modelo educativo que permite o acesso a um modelo distinto de ensinar, através de uma “pedagogia digital”.

A educação virtual, nesse sentido, é imprescindível para a compreensão de determinados temas do meio digital, isso porque o diferente causa estranhamento e, na medida que formatos tecnológicos vão estreando, o indivíduo vai testando sua capacidade em lidar com aquilo que é novo. Como demonstram Coll e Monereo (2010, p. 04), o aumento de número de usuários com acesso à internet tem propiciado, conseqüentemente, o aumento na busca pela aprendizagem, tornando-se um fator necessário, logo a aproximação com outros mecanismos virtuais, até então desconhecidos. A qualificação digital, assim, consiste em se situar criticamente neste universo em contínua mudança.

O meme mostra-se como nova e interessante proposta pedagógica, ao tomá-lo como instrumento de aprendizagem/ensino. Tendo a educação com foco nas *fake news* – proposta que

rege este artigo – o meme articula uma rede de saber capaz de insurgir como resistência às fontes diversas de informações falsas. Sendo imagem, embora nem sempre seja regra, conforme apontam Santos, Colacique e Carvalho (2016), o meme pode vir a substanciar o (in)tenso combate às *fake news*, visto que sua materialidade traz traços que propiciam o enfrentamento: pelo humor, sátira, ironia ou aviso, a imagem memética irrompe como uma produtora de verdade. No entanto, vale destacar, a utilização do meme enquanto técnica de saber, no que propomos analisar, somente é possível acontecer em forma de comentários, recados, mensagens etc. Isso se justifica uma vez que o meme, ao irromper nos *sites* de redes sociais, dispersa-se entre os usuários: surge na linha do tempo do *Facebook*, no *feed* do *Instagram* ou ainda nos *posts* do *Twitter*, aleatoriamente. Ao utilizar em comentários, recados ou mensagens, a imagem memética é tomada como resposta a determinado assunto – no nosso caso, as *fake news*. Por essa razão, o uso do meme nesse contexto deve ser feita em formato de réplica ou tréplica a um outro conteúdo, conforme podemos demonstrar a partir da Figura 02. Vejamos o meme abaixo.

**Figura 02:** Meme - Cara, isso é boato, hein!



**Fonte:** *Fake ou News*, 2019.

Na imagem, um jovem negro mostra-se preocupado com uma informação, chamando atenção do leitor com a seguinte exclamação: “*Cara, isso é boato, hein!*” Percebamos que a existência do vocativo “*cara*” indica que está sendo dada uma resposta a um boato a alguém. Ao fazer isso, há um indicativo de que se trata de uma réplica a um comentário ou conteúdo *fake*, corroborando com nossa perspectiva de uso de meme como replicador de conteúdo falso. O seu uso, nessa circunstância, no entanto, apenas é possível estando em interação – o que nos parece óbvio –, pois o usuário que utiliza o meme retruca a *fake news* compartilhada. É preciso haver um enfrentamento no diálogo, uma espécie de *vis-à-vis*, para o demarcar o posicionamento do interlocutor do meme contra às informações falsas.

Dito isso, falando especificamente de materialidade visual dos memes aqui analisados, estes entoam um tom jovial, ao trazer caras e bocas de pessoas jovens. Tal característica pode ser estratégica, dado que o meme, muitas vezes, é introduzido por esse público, ou tem ele como principal mediador. A linguagem, também, é outro ponto a ser observado. Assim como na Figura 02, que traz a gíria “cara”, a próxima imagem memética (Figura 03) também aparece com o vocabulário descontraído, podendo ser uma estratégia linguística para minimizar o “impacto” do usuário que tem a mentira virtual desconstruída pela meme.

**Figura 03:** Meme - Miga, de onde saíram esses dados?



Fonte: *Fake ou News*, 2019.

Vejamos que, nesse meme, outra jovem, com características que lembra uma pessoa branca, questiona os dados possivelmente veiculados por uma “miga”, que em outras palavras quer dizer “amiga”, possibilitando-nos compreender que se trata de uma relação mais “íntima”. A expressão “miga” deduz que o sujeito que compartilhou a notícia com dados provavelmente falsos, e a outra, que chamou atenção, são próximas. Contudo, é apenas um ponto de vista, uma vez que a gíria “miga” também pode ser utilizado em caso de alerta sobre um acontecimento, a exemplo do meme “miga, sua louca”, que expressa uma ideia de susto, surpresa, chamamento para um assunto específico. A forma de escrita, portanto, implica o modo como as relações são estabelecidas, pela sutileza da linguagem, ao constatar o erro da informação alheia.

Outro aspecto a observar é a diversidade étnica e de gênero marcadas nos memes – tanto a presença de jovens negros(as) quanto de jovens com traços de cultura branca. Sobre isso, pode-se dizer que os memes produzidos pretendem-se mostrar representativo para os leitores que se deparam com as imagens, eliminando qualquer falta de representatividade, ponto comum em todos os memes aqui analisados. Isso mostra que, conforme aponta Moscovici (2007, p. 33),

que “cada um de nós está obviamente cercado, tanto individualmente como coletivamente, por palavras, ideias e imagens que penetram nossos olhos”. Logo, imagens meméticas representativas como estas nos atingem de uma forma ou de outra.

As representações, segundo atesta Moscovici, estão nos pequenos detalhes, com os quais nos familiarizamos e que constituem “uma realidade social *sui generis*” (MOSCOVICI, 2007, p. 41). É o caso dos memes em tela, ao buscar criar uma imagem que seja representativa para aquele que a ler, tanto possuindo jovens de pele escura quanto jovens de pele mais clara. É uma tentativa de fazer do meme representativo. Isso acaba se tornando bastante relevante, pois, estando nas mídias sociais, a materialidade memética pode alcançar uma infinidade de usuários, com diferentes traços culturais. Mais ainda, ao levar este conteúdo para a sala de aula, há um cuidado em fazê-lo representar, fazendo ele aproximar-se da pluralidade de sujeitos presentes num cenário educacional.

Posto isso, passemos a analisar a Figura 04. Nela, um rapaz negro olha assustado para a tela do celular, expressão facial advinda com o dizer “imagem manipulada”. O meme produzido cria um alerta para o ocorrido, chamando mais uma vez a atenção do leitor. No universo da checagem, a imagem manipulada tende a ser interpretada como uma *fake news*, por trazer em seu conteúdo uma informação inverídica, muitas vezes acreditada facilmente, dado a as características quase real com a imagem que se pretende copiar. Não é raro encontrar imagens falsas que embasem as *fake news*, como é o caso da *deep fake*, técnica de vídeo que articula imagens para a fabricação de cenas com rostos muitas vezes de figuras públicas, passando uma impressão verdadeira.

**Figura 04:** Meme - Alerta: imagem manipulada!

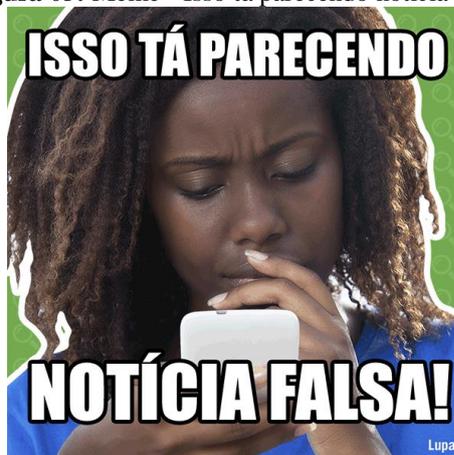


**Fonte:** Fake ou News, 2019.

Vejamos que o rapaz da imagem esboça uma expressão de susto, de espanto, ao se deparar com a imagem manipulada. Esta reação é derivada de um desconforto, de uma situação que causa um choque emocional, em virtude da surpresa ocasionada por algo ou alguém. Através deste meme, há uma tentativa de repassar ao leitor um alerta, como a própria descrição da imagem indica, chamando atenção do internauta para o conteúdo falso presente numa suposta publicação compartilhada.

O meme seguinte, da Figura 05, traz uma moça com ares de dúvidas, aparentemente questionando o teor de uma notícia falsa a qual teve acesso. A imagem carrega a mensagem: “*Isso tá parecendo notícia falsa!*”, como se quisesse demonstrar uma análise superficial do conteúdo falso. O meme serve para refletir a respeito de uma *fake news*, sem criar afirmação acerca do que está sendo avaliado. Novamente, é utilizada uma expressão facial com a finalidade de transparecer a dúvida, a suspeita de que o conteúdo observado pela leitora, que segura o celular, é falso.

**Figura 05:** Meme - Isso tá parecendo notícia falsa

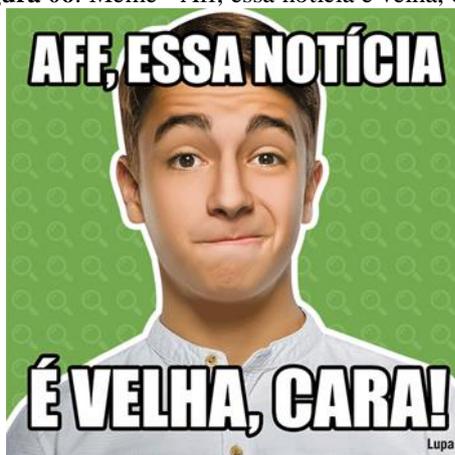


**Fonte:** Fake ou News, 2019.

Vale lembrar que meme como este está mais voltado para o “segundo leitor”, ou seja, aquele que recebe a mensagem, do que para o “primeiro leitor”, aquele que compartilha inicialmente. Tal colocação deve ser evidenciada uma vez que as materialidades em questão têm como finalidade suscitar a dúvida, desmentir, mostrar outra verdade que não a da notícia falsa. A educação digital, nesse sentido, é de extrema importância, pois permite aos usuários que estão interagindo entre si reconhecer o recado que se pretende transmitir com o uso de memes educativos cuja função é checagem de informação.

Prosseguindo com a análise, na Figura 06 consta um meme com a seguinte frase: “*Aff, essa notícia é velha, cara!*”. É trazido a figura de um jovem expressando uma suposta chateação por informar o compartilhamento de notícia antiga. O meme em questão tece crítica de uma prática comum na *web*: a divulgação de conteúdos desatualizados. Não é raro observar em redes sociais a postagem de notícias que já circularam, às vezes por descuido, outras vezes por má intenção, sobretudo se a publicação for de cunho político. Embora não se trata de uma notícia falsa, a volta de circulação de um conteúdo é tida como *fake news*, pois tenta passar a impressão que a informação é nova, quando, na verdade, não passa de uma notícia ultrapassada, até mesmo já desmentida.

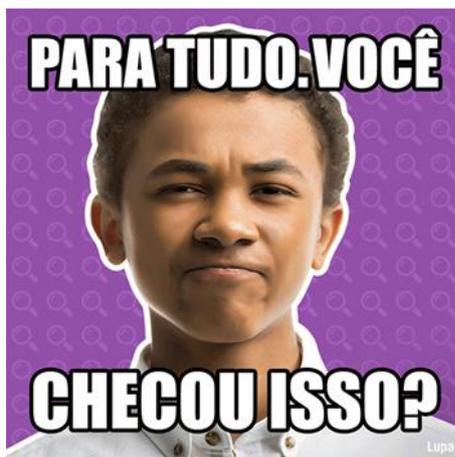
**Figura 06:** Meme - Aff, essa notícia é velha, cara!



**Fonte:** Fake ou News, 2019.

O último meme da série enunciativa que analisamos trata especificamente da checagem de fatos, principal instrumento na verificação de imagem, boato ou notícia falsa. Conforme mostra a Figura 07, há o questionamento acerca de um tema replicado: “*Para tudo. Você checou isso?*” O meme põe em xeque a veracidade da informação, trazendo para a discussão o cuidado com conteúdo compartilhado, bem como incita o usuário a procurar mais detalhes acerca do teor do produto informativo.

**Figura 07:** Meme – Para tudo. Você checou isso?



Fonte: Fake ou News, 2019.

A utilização de prática discursiva como essa para fins educacionais requer primeiro criar uma consciência digital a respeito da cultura de *fake news*. Isso porque há uma certa passividade na aceitação de informações por parte dos leitores. Para se ter uma ideia, 7 em cada 10 brasileiros apenas leem o título de notícias, de acordo com uma pesquisa publicada no *site Yahoo*<sup>10</sup>, realizada pelo DNPontoCOM, em 2018, ignorando o conteúdo contido na publicação. Esta constatação faz-nos avaliar que as *fake news* podem de fato contribuir para o favorecimento de determinadas ideias políticas, como o caso das eleições gerais no Brasil em 2018, em que o candidato à presidência Jair Bolsonaro fez uso de informações falsas contra seus adversários em benefício próprio. A Folha de São Paulo chegou a divulgar uma pesquisa, produzida pela Avaaz, mostrando<sup>11</sup> que 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em suas mentiras.

As novas ferramentas (como é o caso dos memes) podem contribuir para a melhoria no cenário das *fake news*. O leitor passa, ele próprio, a intervir nas mentiras virtuais, expondo uma vontade de verdade (FOUCAULT, 2014), esta vontade de verdade que põe em confronto o falso, faz emergir (ou pelo menos tenta) aquilo que é verdadeiro. A verdade, que é exposta, é muito mais que uma mera vontade ou um querer, é a verdade nua e crua, a verdade dos fatos, da ciência, da história. É uma verdade verdadeira. É isto que se tenta fazer aparecer, ao confrontar o discurso da mentira, pelos memes. Uma educação midiática feita por memes,

<sup>10</sup> Os dados da pesquisa podem ser visualizados no endereço: <https://br.financas.yahoo.com/noticias/fake-news-7-em-cada-10-brasileiros-leem-os-titulos-da-noticias-e-nao-os-conteudos-141122360.html>. Acesso em: março de 2019. Acesso em 30 de novembro de 2019.

<sup>11</sup> Pesquisa feita pela Avaaz, repercutida pela Folha de São Paulo, revela que a maioria dos eleitores do candidato à presidência levaram à sério as *fake news* produzidas por ele. O número evidencia que o resultado das eleições pode ter sido influenciado pelas mentiras virtuais disseminadas durante a campanha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>. Acesso em 30 de novembro de 2019.

portanto, necessita não somente de uma vontade de verdade, mas de uma criticidade a respeito daquilo que se compartilha nas mídias sociais.

### Considerações finais

Em tempos de *fake news*, blindar-se, através da educação, é uma maneira de resistir aos ataques à verdade. A informação tem sido utilizada como arma de saber-poder, de forma a justificar interesses. Como escapar das armadilhas das imagens manipuladas, ou do conteúdo falsificado, ou ainda, do boato acreditado? A educação ainda é a melhor alternativa. No virtual, educar-se e aprender deveria ser uma tarefa cotidiana, dado o vasto mundo de conhecimento disponível. Nessa esteira, o meme aparece como um estímulo a criar uma consciência crítica a respeito desta cultura da mentira vivenciada na web.

Ao buscar no meme uma ferramenta educativa, o projeto “*Fake ou News*” propõe ampliar o modo como as *fake news* são combatidas. Neste caso, o diálogo mostra-se uma alternativa, de maneira que eduque os usuários a se engajar na checagem de fato, técnica de jornalismo geralmente exclusiva aos portais de notícias ou agências próprias de checagem. Conforme aponta a jornalista Cristina Tardáguila, em carta enviada ao ministro do Tribunal Superior Eleitoral – TSE, ano de 2018, a educação seria a melhor “arma para fazer frente às notícias falsas” (TARDÁGUILA, 2018, s/p), acrescentando ainda que “o jeito mais fácil de deter a proliferação de uma informação falsa é conseguindo que, de livre e espontânea vontade, ninguém mais a compartilhe” (TARDÁGUILA, 2018, s/p), defendendo que a prática educativa seja o caminho para aprender a lidar com a mentira virtual.

### Referências

COLL, C.; MONEREO, C. Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: COLL, C.; MONEREO, C. (Orgs.) *Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 15-46.

CHAGAS, V. A febre dos memes de política. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre, v. 25, n. 1, jan/fev/mar/abr. 2018.

FERNANDES JÚNIOR, A.; DRUMMOND, C. C. Entre fatos, boatos e vontades de verdades: os sentidos produzidos pela mídia na política brasileira. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, v.16, n.1, p. 26-51, set. 2018.

FERRARI, P. *Como sair das bolhas*. São Paulo: EDUC/Fortaleza: Armazém da Cultura, 2018.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Editora. Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, M. *Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1990.

MACHADO, R. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In: MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. 5 ed. Petrópolis: RJ: Vozes 2007, p. 29-110.

NEISSER, F. G. Fact-checking e o controle da propaganda eleitoral. Rio de Janeiro. *Ballot*, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/ballot>> Acesso em 25 jul. 2019.

PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2012.

PEIXOTO, J. G. M.; SOUZA, A. C. F. A caça à verdade: critérios, metodologias e selos do Fact-Checking brasileiro. *Cultura Midiática*, João Pessoa, n. 21. jul-dez, 2018.

SANTAELLA, L. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri/SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTOS, E.; COLACIQUE, R.; CARVALHO, F. S. P. A autoria visual na internet: o que dizem os memes? *Quaestio*, Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 135-157, maio 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/2570/2168>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

SPINELLI, E. M.; SANTOS, J. A. Jornalismo na era da pós-verdade: fact-checking como ferramenta de combate às *fake news*, *Revista observatório*, Palmas, vol. 4. n. 3. mai., 2018.

TARDÁGUILA, C. *Não basta fiscalizar e punir*. Folha de São Paulo, 19 fev. 2018. Opinião. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2018/02/cristina-tardaguila-nao-basta-fiscalizar-e-punir.shtml>>. Acesso em: 03 jul. 2019.